

Tudo que Sarney não quer é ser esquecido

JANDIRA GOUVEIA

BRASÍLIA — Se tudo correr como espera o Presidente José Sarney, no dia 15 de março ele passa a faixa presidencial para Fernando Collor de Mello, pega o Boeing da Força Aérea Brasileira que lhe serviu durante cinco anos, e volta para São Luís, no Maranhão. Ao contrário do seu antecessor, o General João Figueiredo, que implorou ao deixar o Governo que o esquecessem, Sarney inaugura o Centro de Documentação José Sarney, que terá várias atribuições, mas já começará abrigando um museu sobre o atual Presidente da República.

Tudo o que Sarney não quer é ser esquecido — e antes mesmo de começar o Governo Collor, o Presidente encontra bons motivos para relaxar.

Se o Governador do Maranhão, Eptácio Cafeteira, não aprontar o espaço do Convento das Mercês, onde ficará o Centro de Documentação, até o dia 15, ainda assim, no dia 16 Sarney já estará trabalhando nesse projeto, garantem os amigos. Descontraído, já achando que os problemas do País estão mais para as mãos de Fernando Collor de Mello do que para as suas, o ainda Presidente anda exibindo um ar de tranquilidade e satisfação não representado apenas pelo bronzeado das férias de fim de ano e os 2,2 quilos que ganhou nesse descanso.

Em março do ano passado, um senador alagoano, amigo de Sarney, demonstrou medo de que o Presidente tivesse que deixar o Governo pela porta dos fundos do Palácio do Planalto. O Presidente ouviu calado —

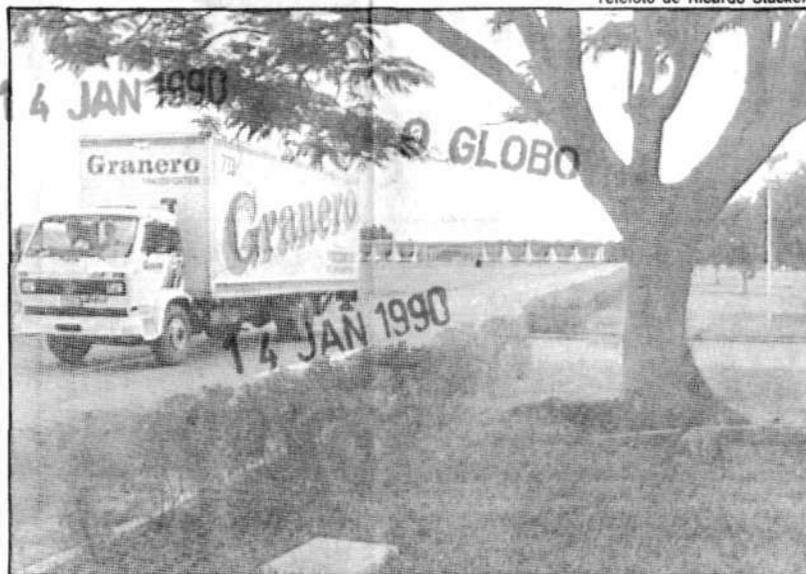
talvez porque tivesse os mesmo receios, diante da baixa em sua popularidade. Mas depois, valendo-se de sua religiosidade, resolveu dizer que tinha "fé em Deus" e esperava que até 15 de março as coisas melhorassem.

Se as coisas não melhoraram pelo menos já foram capazes de restabelecer o humor do Presidente. Esta semana, aquele mesmo senador mandou um recado para o Palácio da Alvorada: acha que o milagre aconteceu e que Sarney conta com a simpatia, inclusive, do funcionalismo público.

Mas antes mesmo de receber o recado de seu amigo, Sarney já tem circulado pelos salões mais íntimos com outro humor. Na semana passada, por exemplo, durante uma festa na casa de seu Secretário Particular, Augusto Marzagão, entre conversas sobre a inflação e a situação do Panamá, tendo a seu lado Ministros como Saulo Ramos e Luís Roberto Ponte, Sarney se permitiu mudar de tema para tratar de coisas bem mais amenas: Passou a lembrar o filósofo francês Claude Levy-Strauss e sua tese sobre o surgimento do amor.

A conversa atingiu comentários generalizados sobre as vantagens do amor "olho no olho" e foi longe. No mesmo clima de descontração, ele fez até previsões para o futuro Governo.

Sarney é de opinião que a economista Zélia Cardoso de Mello deve ser mesmo a Ministra da Economia. Mesmo assim, não deixou escapar uma ironia, a maneira mais frequente com que vem se referindo ao Governo ainda não iniciado de Fernando Collor:



Telefoto de Ricardo Stuckert

O caminhão leva a mudança do Presidente Sarney do Palácio da Alvorada

— Ele pode ter muitas dificuldades. Sua principal assessora econômica foi minha funcionária de terceiro escalão — disse, referindo-se ao fato de a economista ter sido a Subsecretária do Tesouro, quando Dilson Funaro era o Ministro da Fazenda, e Andrea Calabi Secretário do Tesouro.

Não é só nos pronunciamentos públicos que tem feito recentemente, como o seu programa semanal "Conversa ao Pé do Rádio" que Sarney anda insistindo em dizer que vai deixar o País bem. Ele não perde chance de falar no legado das reservas cambiais que deixará para Collor, algo em torno de US\$ 12 bilhões. Para a inflação, o grande fantasma que

ainda paira sobre o Palácio do Planalto, Sarney também já encontrou um consolo, que lhe garante a descontração: o período dos cálculos para janeiro já terminou, o próximo acaba no dia 15 de fevereiro e a expectativa do Governo é de que esses resultados não se distanciem muito de dezembro. Vai sobrar a inflação medida depois do dia 15 de fevereiro. Mas esta quem vai ter que anunciar, logo depois de ter tomado posse, será Fernando Collor de Mello.

No fundo, segundo acreditam alguns de seus amigos, voltar para o Maranhão não significa, para Sarney, passar ao esquecimento, deixar o cenário político. É só uma retirada estratégica no primeiro ano de seu sucessor.

Entre uma conversa e outra, o Presidente até diz que se conseguisse um bom preço venderia o Sítio de São José do Pericumã, que ele tem a 30 quilômetros de Brasília, evidenciando as suas raízes maranhenses. Se, de fato, fosse se desfazer do sítio, Sarney poderia conseguir até NCZ\$ 10 milhões por sua propriedade, onde ele colhe, entre outros produtos, a semente de soja.

Mas, um amigo próximo garante que não é exatamente isso que ele quer. Tanto que já conseguiu alguém ligado à família para tomar conta do que tem por lá — especialmente dentro da casa, porque fora, a propriedade de São José do Pericumã já possui um esquema de gerenciamento em pleno funcionamento. No momento, Sarney está colhendo milho, com o qual prepara silagem destinada ao seu gado leiteiro.

Quando o próximo Presidente passar a viver os problemas com a nova Constituição, e sentir a necessidade de apoio do Congresso Nacional, os defensores de Sarney acham que a opinião pública vai entender que ele também sofreu esses problemas.

— A história me fará justiça — acredita Sarney —.

Enquanto isso não acontece, o Presidente não abre mão de viver e até ampliar todos os ritos da História que está protagonizando. Já existem amigos no Palácio do Planalto que acreditam que, estando ou não previsto no cerimonial, Sarney poderá até fazer um discurso antes de passar a faixa a Fernando Collor. Outra idéia em curso é também dispensar o artifício do Chefe do Cerimonial (a quem caberia fazer a transferência da faixa) e pessoalmente colocá-la

em seu sucessor e inimigo declarado. E que Sarney, segundo argumentam alguns de seus amigos, não quer perder a oportunidade de ser o primeiro Presidente, depois de Juscelino Kubitschek, a passar a faixa a um sucessor civil e ainda fruto de uma eleição que ele acha que trabalhou para garantir.

— O essencial é ter sido. Eu já fui. Ótimo — a frase do político mineiro Antônio Carlos de Andrade já foi incorporada pelo Presidente em suas conversas, e ele a cita com gosto.

Mas existem outros momentos em que o Presidente prefere lembrar uma frase do ex-Ministro Mário Henrique Simonsen que, ao ao deixar traumáticamente o Governo Figueiredo respondeu assim a um jornalista que perguntou como se sentia:

— Como você acha que estou me sentindo? Sou um homem que foi dormir com uma dívida de US\$ 100 bilhões e no dia seguinte acordo não devendo nada.

É esta a explicação que os amigos do Presidente têm para o seu novo humor nos últimos meses de Governo. Sarney, de acordo com esses amigos, já começa a se sentir longe dos ataques. Ele não conseguiu esconder a satisfação quando, na semana passada, abriu os jornais e leu que a imprensa francesa estava criticando a viagem de Fernando Collor de Mello.

Sarney melhor do que ninguém sabe o que é isso, em dose muito maior, pois mereceu até mandado de segurança, quando lotou dois Boeings de convidados para assistir aos festejos do Bicentário da Revolução Francesa.